

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Braziliense Class.: 183

Data: 17.09.89 Pg.: _____

Ordem da Cruzada enfrenta guerra santa

WILSON NOGUEIRA
Especial para o CORREIO

É iminente um confronto entre dissidentes e fiéis da Irmandade da Cruz — Ordem da Cruzada ou Cruzada Apostólica Evangélica —, uma seita fundada há 17 anos no Alto Solimões, extremo-oeste do território amazense, que reúne hoje mais de 120 mil adeptos. O peruano Ron-Ald Barrera Moran, que se diz uma reencarnação do irmão José Francisco da Cruz, falecido em 23 de julho de 1982 aos 76 anos, prometeu ocupar a qualquer custo a vila Alterosa, no rio Jui, aflrente do Solimões, a cidade santa dos "cruzados", onde vivem 1.428 fiéis.

A primeira tentativa de ocupação ocorreu em 18 de maio deste ano. Acompanhado de cerca de 100 índios ticunas, que lotavam oito embarcações — duas de porte médio —, Ron-Ald ensaiou desembarcar triunfante em Alterosa, mas enfrentou a resistência de um grupo de fiéis comandado por Walter de Souza Neves, 47 anos, que se diz o escolhido pelo irmão José Francisco da Cruz para presidir mundialmente a seita. "Expulsamos o anti-Cristo (Ron-Ald) pacificamente. Mas vamos apelar para a violência se ele nos agredir novamente", disse Raimundo de Souza Neves, 44 anos, irmão do pastor-geral, na cidade de Santo Antônio do Itá (AM), próximo a Alterosa, a 1000 quilômetros de Manaus.

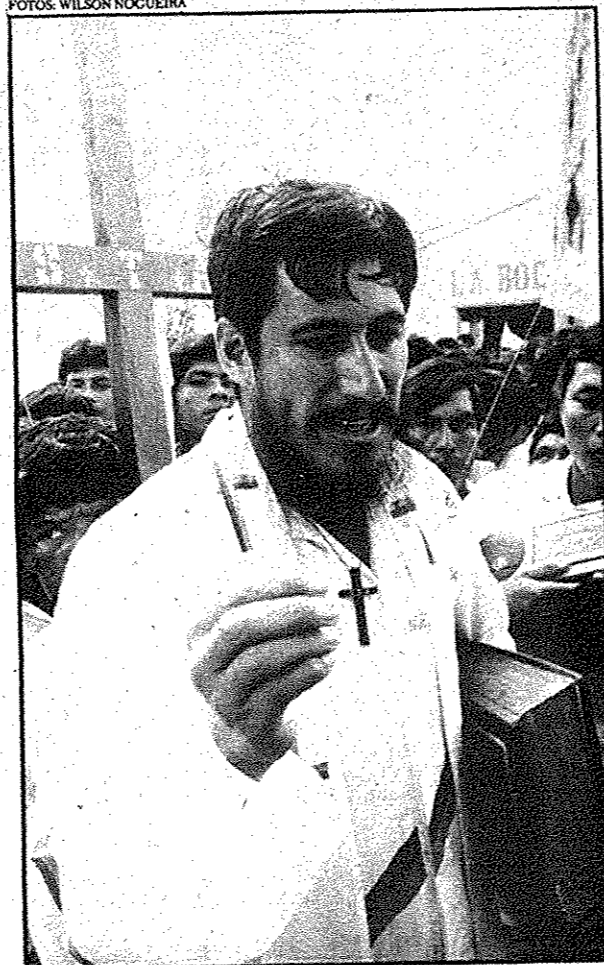
Raimundo Neves conta que Ron-Ald Moran pedia aos seus comandados, aos gritos, que massacassem os

líderes espirituais de Alterosa, no caso ele e seu irmão Walter. "Da nossa parte podemos até usar a violência em legítima defesa", disse. Na tentativa de ocupação de Alterosa no dia 18 de maio, morreu Júlio Irineu, 84 anos, possivelmente de parada cardíaca. Ron-Ald conta outra história: "Eles apontaram armas de fogo em nossa direção e nós fomos obrigados a recuar". Mas promete: "Vou libertar o meu povo de qualquer maneira. Eles (os irmãos Neves) são falsos profetas. Eu sou José da Cruz. Passei apenas por uma experiência de morte".

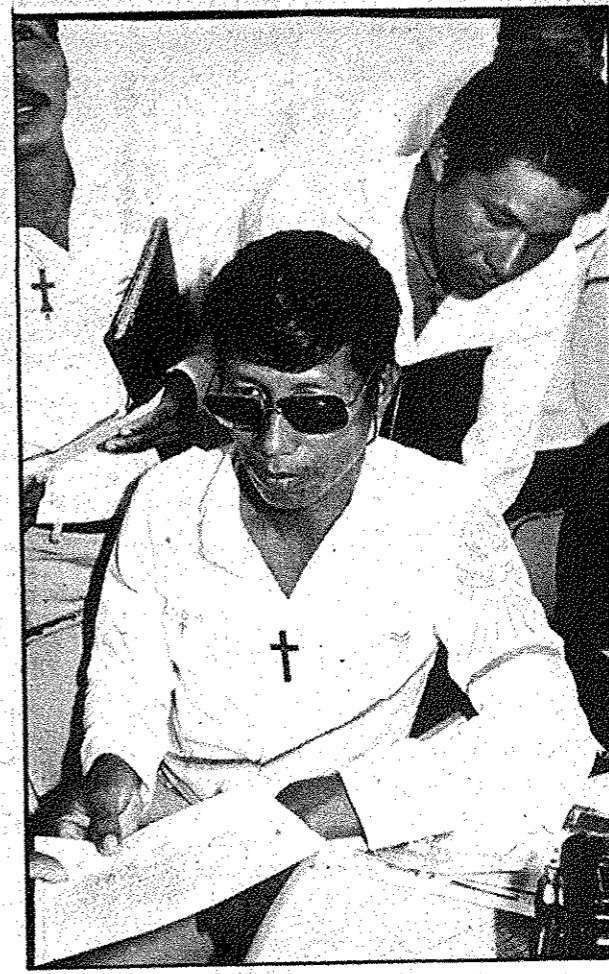
No dia 30 do mês passado, Ron-Ald Moran passou pela cidade de São Paulo de Olivença (AM), a 1.100 quilômetros de Manaus, seguido por centenas de índios ticunas. Mostrou-se disposto a percorrer todos os municípios do Alto Solimões em busca de adeptos. "Ele está manipulando os índios, pois os que o acompanham ainda são bravos", argumenta Raimundo Neves. Ele reconheceu que o "misterioso profeta" está dividindo a Irmandade da Cruz. O grupo de Walter Neves está tentando junto às autoridades de Tabatinga a expulsão do profeta. Moran prefere não tocar neste assunto. Sequer menciona seu verdadeiro nome.

O homem que veste túnica branca, 1,80 m, traços e modos finos, chegou ao extremo-oeste do território amazense no começo do ano e garante já ter conseguido mais de 40 mil adeptos, na maioria índios da tribo Ticuna, espalhados por 11 municípios do Alto Solimões.

FOTOS: WILSON NOGUEIRA



Ron-Ald quer ocupar a sede da seita a qualquer custo, mas Raimundo promete combater a invasão até com violência



Índio Ticuna virou manchete após chacina

Os índios Ticuna estão distribuídos ao longo do Alto Solimões em mais de 70 comunidades, mais precisamente entre os municípios de Tabatinga e Jutai. São estimados em 30 mil. Tornaram-se bastante conhecidos a partir do dia 28 de março do ano passado, quando 14 deles foram assassinados e 21 ficaram feridos numa emboscada preparada por homens brancos a serviço do madeireiro Oscar Castello Branco. Local da chacina: Foz do Igarapé do Capacete, na comunidade de São Leopoldo, a apenas 40 minutos de lancha do porto da cidade de Tabatinga (AM), fronteira do Brasil com a Colômbia.

Por várias semanas, a chacina disputou os espaços nobres dos principais jornais e televisões do País e do exterior com os assuntos do dia-a-dia das grandes cidades. Hoje, São Leopoldo parece ter voltado ao ostracismo. Os acusados de terem comandado a chacina, entre eles Oscar Castello Branco, aguardam o julgamento em liberdade. O inquérito foi instaurado pela Polícia Federal e encaminhado à Justiça Federal. Mas já está na Justiça comum e o julgamento deverá ocorrer em Tabatinga. Entre os Ticuna a chacina é lembrada com sede de justiça.

A "Chacina do Capacete" deve-se a um longo conflito fundiário. "O Governo demarcou a reserva indígena de São Leopoldo, mas não retirou os posseiros", afirma Egon Dionísio, do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), em Manaus. E a luta pela posse da terra, pela avaliação do missionário, estimula cada vez mais a organização dos Ticuna. Este processo vem ocorrendo há cinco anos e tornou-se irreversível, mesmo diante da política divisionista instituída pela Fundação Nacional do Índio (Funai) e seitas como a Irmandade da Cruz.

Os missionários do Cimi vêem com preocupação a expansão da Irmandade da Cruz entre o povo Ticuna. Acreditam inclusive que, por trás desta seita, há interesses de terceiros não declarados. O caráter divisionista imposto pela Cruzada é um dos pontos observados pelos missionários. "Eles impedem que os fiéis participem das organizações de trabalhadores. Há até a informação de que o homem que se diz a reencarnação do irmão José da Cruz está proibindo as crianças de frequentarem as escolas brasileiras.

Ex-sacristão fundou a seita

A Irmandade da Cruz — Ordem da Cruz ou Cruzada Apostólica Evangélica — foi fundada no Alto Solimões há 17 anos pelo ex-sacristão José Francisco da Cruz. Quando ele morreu, em 23 de julho de 1982, a "irmandade" já contava com mais de cem mil adeptos. "Ele era uma espécie de 'Messias' para os Ticuna", define o poeta e escritor Celdo Braga, residente em Benjamin Constant (AM), a 1 mil 200 quilômetros de Manaus.

Mas é Paulo Lucena, um repórter que se propôs escrever um livro sobre os Ticuna — "Os Filhos do Evary", ainda não publicado — quem consegue algumas informações sobre a vida e caminhadas do homem de fala mansa que encantou índios e brancos do Alto Solimões. "Viajando sempre a pé, com uma cruz de madeira de 13 quilos às costas e uma gigantesca bíblia a tiracolo, José Francisco da Cruz saiu de Jesuânia, sul de Minas, movido pelo misticismo. Caminhou até chegar ao Solimões".

Depois de passar pelo Uruguai, Paraguai e Argentina, José Francis-

co da Cruz chega à Amazônia. Fixou-se no rio Jui, um braço do rio Itá, onde, segundo os Ticuna, está localizado o Evary — o paraíso terrestre deste povo. "Zé da Cruz", como ficou conhecido entre os brancos, era tido pelos índios como a reencarnação do herói místico D'Jey, filho de Na-Tu-Pa, que corresponde ao Jeová dos hebreus.

Pela Irmandade da Cruz, ele organizou os Ticuna em pequenas comunidades agrícolas, cada uma dirigida por 12 líderes, à semelhança dos 12 apóstolos de Cristo. A Vila Alterosa, no rio Jui, é a principal delas. Aos fiéis, José Francisco da Cruz revelou o dia e a hora em que iria morrer, exatamente como ocorreu.

Antes de morrer, nomeou Walter Neves como seu sucessor. Na sua vida, o profeta teve uma grande paixão: Yarita, uma cabocla da Amazônia peruana. Conta-se que Yarita fugiu com um jovem de seu país. Para purificar-se do pecado, "Zé da Cruz" submeteu-se a uma longa e melancólica penitência na selva amazônica.

Obediência é sagrada e punição certa

Alterosa é o nome de um pequeno povoado localizado à margem do rio Jui, aflrente do Solimões. Seria mais um dos milhares de lugares perdidos nos 5 milhões de quilômetros quadrados da Amazônia brasileira, caso seus 1.428 habitantes não fossem dedicados a uma vida de reclusão e hábitos rígidos. Este pedaço de verde é a cidade santa da Ordem da Cruzada, uma seita fundada em 1962 pelo mineiro José Francisco da Cruz, falecido em 1982 aos 76 anos, hoje com mais de 120 mil adeptos espalhados nas faixas de fronteiras do Brasil com a Colômbia e Peru.

A obediência cega aos líderes espirituais é uma das inúmeras imposições da seita a quem quer segui-la. "Aqui funciona como um exército: quem desobedece é punido", atesta Raimundo de Souza Neves, 44 anos, promotor de justiça e presidente-geral da seita em Alterosa. Ele é irmão do chefe espiritual da seita, Walter Souza Neves, 47 anos, escolhido pelo irmão José

da Cruz para presidir a Ordem da Cruzada mundialmente.

"Aqui não aceitamos quem não quer obedecer a ordem e trabalhar", avisa. Em Alterosa, os fiéis devem se levantar às 5h, de segunda-feira a sábado. Depois da refeição matinal, os fiéis rezam por uma hora ininterrupta e por volta das 7h já estão nos roçados. Só param às 12h. Rezam, almoçam e às 14h retornam ao trabalho, para encerrá-lo somente às 17h, quando retornam às orações antes de jantar e de dormir. "A oração nos dá força", afirma Raimundo Neves.

E a comprovação do que fala Raimundo Neves pode ser vista nas dezenas de hectares plantados de mandioca, cana-de-açúcar, café, milho e arroz, as culturas mais expressivas em Alterosa. A distribuição das tarefas de campo é definida pelo capitão-do-trabalho, sempre um homem de confiança do pastor-geral. De produção de cada família, a Ordem da Cruzada abo-

canha 10 por cento, o dízimo estabelecido na Bíblia dos cristãos. E o resto da produção que, em tese, poderia ser comercializada diretamente pelos fiéis, também é administrada pela cúpula da seita.

para ingressar na Ordem da Cruzada, o interessado deve, de imediato, desvencilhar-se de quaisquer vícios. Só a partir de então recebe aulas sobre os fundamentos da seita, que implicam principalmente nos rigores da disciplina e respeito aos líderes religiosos. Até ser batizado, o candidato é rigorosamente observado. Quando recebe uma pequena cruz de madeira, que deve carregar sempre no pescoço como um crucifixo, o fiel está apto a desempenhar funções determinadas pelos líderes religiosos. Tanto pode ser um ministro quanto um capitão-do-trabalho, os cargos mais comuns na hierarquia da Cruzada, considerando-se que os mais elevados ficam restritos à família Souza Neves.